

A REVOLTA

Santiago Serrano

santiagoms_2000@yahoo.com

Traduzido por Airton Dantas

danthas@uol.com.br

**O texto está registrado e protegido pelas leis da propriedade intelectual.
Para sua utilização é necessário solicitar autorização ao autor.**

santiagoms_2000@yahoo.com

Malva: anciã, mãe d´Ele e de Martín

Sara: jovem criada

Judith: esposa d´Ele

Antonia: vizinha, amiga de Malva

Martín: irmão d´Ele

Essa obra estreou em Buenos Aires, em 1984, no Teatro El Vitral. Ficou em cartaz por dois anos; reencenada em 1987, excursionou pelo interior da Argentina. Em 1992 estreou em Montevidéu - Uruguai, com o elenco da Comédia Nacional Uruguiaia.

A peça é ambientada em uma zona rural, atemporal. Figurinos e cenografia ficam a critério do diretor. Os modismos utilizados podem ser substituídos por outros, dependendo da região escolhida para o desenvolvimento da ação.

Casa de Malva, que está sentada em uma poltrona, quase no centro do palco, e aí permanecerá durante toda a peça. É uma mulher de cabelos grisalhos e despenteados; poderia ter mil anos. As pernas devem permanecer imóveis; as mãos, com total mobilidade. No pescoço, um guardanapo. A seu lado, Sara, com uma colher e um prato, lhe dá de comer.

PRIMEIRO ATO

MALVA: (Dá um pequeno gemido) A perna... a perna direita... fricciono minha perna... isso, filha, isso... Sinto cócegas...

SARA: Pronto, dona Malva (Obedece)

MALVA: Ah... assim... assim... Tomara que você não envelheça... A gente chega a sentir asco da gente mesmo. Os vermes tomam conta do nosso corpo e, mesmo assim, queremos viver (SARA, ACOSTUMADA ÀS SUAS LAMENTAÇÕES, SE DISTRAI E BRINCA COM A COLHER NA COMIDA) Vamos... acorda! Me dê a comida! Assim não, tonta, devagar! (BATE NO BRAÇO DELA E DERRUBA A COMIDA) Me sujou... sujou a mão...! Limpa! Ter que suportar que qualquer pessoa coloque comida na nossa boca, como se alimentasse uma galinha... (COM HUMOR) Essa sou eu... uma galinha velha e gorda (GARGALHADA) Acho que a última coisa que vou perder é a risada... Não se surpreenda se eu der uma boa gargalhada quando me enterrarem e eu sentir a terra fria e úmida. Sabe, Sara, não tenho medo da morte. Não exige luta nem coragem... Esta agonia me faz mais forte que cem deles. Quero mais comida. Cuidado com a colher. Devagar. Isso. Assim. Eles querem que eu exploda. Para eles seria a melhora maneira de acabar tudo. Eles acham que eu serei enterrada no túmulo do meu filho;

que vão cobrir dois corpos com a mesma pá de terra. Porcos de merda, estão enganados! Não será tão simples. Vou viver cem anos, mil! Serei imortal para que eles não se esqueçam que um dia terão de enfrentar sua ausência. Meu babão...minha besta... minha criatura... Ainda me lembro do cheiro da merda. Ah! A merda nas suas fraldas! (COLOCA AS MÃOS NO VENTRE) Parece mentira que este corpo tenha parido um filho algum dia; que esta terra fosse fértil e voluptuosa para o amor. Raiz seca. Sou uma árvore seca, de quem arrancaram seu melhor fruto, o mais saboroso. Filhos da puta! Filhos da puta! (COSPE) Mais, quero mais comida. Pronto, tenho que estar forte pra esperar seu regresso. Vamos, outra colherada, cheia... (SARA ATENDE AO PEDIDO) Outra. (SARA ATENDE AO PEDIDO). Outra... (SARA ATENDE AO PEDIDO), outra...

MALVA: (AO FILHO QUE ACABA DE ENTRAR.) Você está vindo de lá?

MARTÍN: Sim, da casa grande.

MALVA: Como foi tratado hoje?

MARTÍN: Como sempre, bem.

MALVA: Eles sabem tratar seus criados.

MARTÍN: (IRRITADO) Eu não sou um criado.

MALVA: Não se ofenda. Criado ou empregado, que diferença faz?

MARTÍN: Já disse que cuido da contabilidade.

MALVA: Veja só o sinhozinho, Sara! Conta em detalhes o que esses abutres roubam. Isso não é trabalho de macho. Por que não colocam uma das muitas putas que têm no bordel?

MARTÍN: Nunca se cansa de me ofender?

MALVA: Eu não te ofendo, digo o que penso. Não sei como não sentes vergonha?

MARTÍN: Vergonha de quê? De trabalhar?

MALVA: Nem parece meu filho!

MARTÍN: Por que não estou preso?

MALVA: Sim. Te preferia preso ou morto a vê-lo castrado por estes.

MARTÍN: Não vou suporta-la mais. (VAI SAIR)

MALVA: Martín! (SUAVE.) Vem... deixa de ser bobo, vem...!

MARTÍN: Pra quê?

MALVA: Deixa disso. Senta aqui. (MARTÍN TITUBEIA.) Anda, Sara, traga um pouco de doce... é do que te agrada.(MARTÍN SENTA-SE A SEU LADO. SARA OBEDECE.) Mandei preparar pra você...

MARTÍN: (PROVA COM O DEDO) Mmm!

MALVA: Tem um cigarro?

MARTÍN: Toma, velha

MALVA: (ACENDENDO.) Alguma notícia do teu irmão?

MARTÍN: Ah!... Agora entendo a sua mudança.

MALVA: Sem rodeios.

MARTÍN: (DEVOLVE O DOCE)

MALVA: Sabe ou não sabe de algo novo?

MARTÍN: É pra isso que serve eu trabalhar lá?

MALVA: Se não vai falar vá embora.

MARTÍN: Ouvi dizer que vão levá-lo para um lugar mais seguro.

MALVA: Sentem medo os senhores!

MARTÍN: Está preso e isso ninguém pode mudar.

MALVA: (COM ANSIEDADE CRESCENTE.) Quando o levarão?

MARTÍN: Hoje mesmo.

MALVA: Pra onde?

MARTÍN: Isso eu não sei. (ENTERNECIDO PELA EMOÇÃO DA MÃE) Não se torture mais... ao menos lhe fico eu... não gosto de vê-la assim. Eu... a amo.

MALVA: Não posso enquanto ele não voltar. (PARA SI) Durante horas e horas fico em silêncio tentando me lembrar do rosto dele. Penso em seus olhos, sua boca, todo seu corpo... como se estivesse pintando. Desde ontem tento me lembrar o que ele assobiava e não consigo. Memória cachorra a minha! O tempo apaga tudo. Depende de mim que sua imagem continue viva. Vem Aproxime-se. Mais. Você tem que me ajudar... Você se lembra o que ele assobiava?

MARTÍN: Acho que sim.

MALVA: Tente imitá-lo.

MARTÍN: Se isso te faz feliz...

MALVA: Vamos,vamos coragem...! (MARTÍN ASSOBIANDO) Isso, assim! Continua... (MARTÍN CONTINUA ASSOBIANDO) Não, assim não. Outra vez. (MARTÍN RETOMA.) Não! Faça um esforço, tente se lembrar! (MARTÍN RETOMA.) Assim não, tonto, coragem!

MARTÍN: Não me lembro. Acho que nunca vou assobiar como ele!

MALVA: É verdade, nunca foi nem poderá ser como ele.

MARTÍN: Não se esqueça. A única coisa que lhe resta é recordar. Só isso. (SAI)

MALVA: (ENQUANTO MARTÍN SAI.) Sara, venha aqui! Ouviu? Estão levando-o. Em campo aberto será mais fácil. Espere o Martín se afastar da casa e vá até a colina. Não deixem que lhe veja. Você já sabe o que tem que fazer. (ALGUÉM SE APROXIMA DA CASA.) Shh... silêncio. (ENTRA JUDITH) Achei que não ia voltar.

JUDITH: (TRAZ UMA CESTA COM FRUTAS E VERDURAS. COLOCA-A AO LADO DE MALVA)
Sempre volto.

MALVA: Você preferia não voltar.

JUDITH: Não disse isso.

MALVA: Mas é o que sente .

JUDITH: É livre pra pensar o que quiser.

MALVA: Livre... Livre! (DÁ UMA GARGALHADA) Não sou tão velha assim pra conhecer essa palavra. Demorou mais do que das outras vezes. Não gosto que ande por aí. As pessoas não vêem com bons olhos uma mulher casada andando sozinha. Tenho certeza que você ficou conversando com a peonada.

JUDITH: Estava com dona Antonia. Pergunte a ela se quiser. Fui a casa dela depois de recolher a ração.

MALVA: (OLHA AS SACOLAS.) Tão pouco te deram desta vez?

JUDITH: O encarregado disse que era o que a gente tinha direito; que aqui só tem um homem e as mulheres não precisam de muito alimento.

MALVA: E você não falou pra ele que havia outro homem que eles levaram? Que a gente tem direito à parte dele? Não reclamou?

JUDITH: Se eu dissesse isso eles tirariam o pouco que me deram.

MALVA: Você tem vergonha dele.

JUDITH: Basta! Não comecemos como todos os dias.

MALVA: Você não pensa mais nele.

JUDITH: Penso. Penso noite e dia. E mesmo se eu pudesse esquecer, a senhora se encarregaria de lembrar-me.

MALVA: É minha obrigação. (FALSA) Venha, não fique irritada. Quero dormir. Você me ajuda? Traga a manta. (JUDITH ATENDE AO PEDIDO) Suponho que você não vai sair mais. Por que não descansa um pouco? Traga suas coisas.

JUDITH: Sim, dona Malva.

MALVA: Você Sara, não se esqueça do que eu disse.

SARA: Não se preocupe.

JUDITH: (COLOCA UM COLCHONETE AOS PÉS DE MALVA, DEPOIS COBRE-A COM UMA MANTA NEGRA, TRANSPARENTE) Durma, senhora, durma.

MALVA: Me chame de madrecita.

JUDITH: Durma, madrecita.

MALVA: Isso... isso... Quero me entregar ao rio escuro do sonho. Estou quase conseguindo vê-lo, Judith. Se eu pudesse recordar o que ele assobiava... Está ali, cansado, mas forte e belo como no dia em que se foi. Ai está eu vejo, Estou vendo... vendo... (DORME)

JUDITH: Por fim dormiu! (SENTA-SE E ESTICA AS PERNAS) Estou cansada. Estou com os pés doendo de tanto andar. A velha não foi capaz nem de me comprar sapatos. "Tem que andar descalça", me disse, "assim você se acostuma a sua nova terra". Tem má entranha, índole ruim. Nunca me quis.

SARA: Dona Malva gosta de você.

JUDITH: Me mantém de pé para quando chegar o seu machinho.

SARA: Quer que eu massageie suas pernas, como faço com Dona Malva?

JUDITH: Quero.

SARA: (PEGA UMA BACIA COM ÁGUA E JUDITH COLOCA OS PÉS) Vai ficar nova em folha. Tem lindos pés.

JUDITH: Ele gostava dos meus pés. Antes eram delicados; agora... olha os calos!

SARA: E os meus, então? Olhe minhas patas ,dona, parecem cascos!

JUDITH: Que vida de merda é essa. Ele me trouxe pra cá. Levou –me de minha casa. Já te falei do meu país, Sara?

SARA: (RINDO) Sim... É a única coisa que fala. Aqui também é bonito.

JUDITH: Pra você pode ser, porque não conheceu outras terras. Tudo aqui é chato. Chamam a isso de Pampa. Pampa!... (RI)

SARA: Não entendo dona. Mas Para mim não tem graça nenhuma.

JUDITH: Na praça da minha cidade havia uma águia enorme parada no centro de uma fonte. Eu me sentava à sua sombra e ficava sonhando que ela me pegava com suas garras e me levava para conhecer o mundo. Ele se parecia com aquela águia. Me prometia tantas coisas...

SARA: Sempre fica triste quando fala disso.

JUDITH: Nunca se esqueça que o meu mundo é outro.

SARA: Não me esqueço. Mas acho que dona Malva tem razão quando diz que essa terra depende de todos nós: de você, de mim...

JUDITH: Esses são delírios da velha. Essa terra só depende dos senhores. Onde acha que se decide tudo?

SARA: Na casa grande. Mas você vai ver quando seu marido escapar e se reunir com os rebeldes...!

JUDITH: Estão todos loucos. Parece que estou ouvindo a voz dele. Sentava-se aí. As mãos grandes levantadas. "As palavras já não servem de nada " dizia, "Toque minhas mãos, cada dedo! São fortes e serão mais fortes no dia em que acabar com eles!" Eu me enojava e dizia que ele tinha a cabeça vazia. Então o cretino ria e me dizia que tinha razão, que era um estúpido e que essa estupidez era a única coisa que o animava a enfrentá-los.

SARA: Eu admiraria um homem que luta por seus ideais.

JUDITH: Estou farta de esperar. Eu não amo sua luta. Eu Amo o homem que me ama e não os seus ideais. De que me adianta estar só?

SARA: (PAUSA) O que não posso entender, é porque não se vingam de nos. Eles sabem mostrar seu poder.

JUDITH: Temos que agradecer sua misericórdia.

SARA: Dona Malva não ia gostar de ouvir isso.

JUDITH: O que me importa!

SARA: Por que você não vai embora?

JUDITH: Pra onde?

SARA: Pra casa da sua família.

JUDITH: Não posso mais voltar. Pra eles, agora, meu lugar é aqui. Só me resta esperar.

SARA: Esperar, como Dona Malva.

JUDITH: As fêmeas esperando que o macho volte triunfante da caçada. Triste papel esse nosso. (PAUSA.) Alguma vez um homem já te possuiu?

SARA: Não.

JUDITH: Fingir um pouco de resistência até satisfazer seu orgulho, e depois, aos poucos, cair em seus braços. Essa é a fórmula. Não falha nunca.

SARA: Parece que no fundo odeia os homens.

JUDITH: Odeio não poder viver sem eles. Isso sim.

SARA: E o amor?

JUDITH: Você e suas idéias de virgem. Só existe o prazer. E nem sempre. Nada mais

SARA: (AFASTANDO-SE) É a senhora quem está dizendo, Dona.

JUDITH: É isso. Não tem segredo. Essa é a fórmula passada de geração em geração.

SARA: Vou deixá-la sozinha um pouco; tenho que dar um recado de Dona Malva. Precisa de alguma coisa?

JUDITH: (VULGAR E AMARGA.) Preciso sim; mas você não pode me satisfazer. (RI. SARA SAI)

(LEVA O COLCHONETE PARA PERTO DA PORTA, CANTAROLANDO UMA CANÇÃO COMO SE TENTASSE DORMIR. MARTÍN ENTRA. ELA NOTA SUA PRESENÇA, SE RECOMPOE UM POUCO).

MARTÍN: Cansada?

JUDITH: Estou bem.

MARTÍN: (PEGANDO UMA CESTA TRAZIDA ESCONDIDA) Toma, isso eu trouxe para você.

JUDITH: O que me trouxe?

MARTÍN: Veja.

JUDITH: O que deu em você? O que aconteceu pra me trazer tantos presentinhos ultimamente? Sempre disse que o único que valia alguma coisa nesta casa era um nenem.

MARTÍN: Não me chame assim.

JUDITH: Não se irrite. Não seja tolo. Quantas vezes eu vi sua mãe te dando banho. Pra mim você será sempre uma criança.

MARTÍN: Se você continuar me enchendo o saco não te dou nada. (TENTA PEGAR A CESTA)

JUDITH: Não seja tonto! Era só uma brincadeira, nada mais. (PEGA A CESTA)

MARTÍN: Afinal de contas não sou tão criança. Você só tem cinco anos a mais que eu.

JUDITH: Cinco anos pra uma mulher... (ABRINDO O PACOTE) Presunto!... Queijo de cabra!...

MARTÍN: Segue olhando...

JUDITH: Doce de figo! Como seu irmão me traía! Onde você pegou tudo isso? Quem você matou?

MARTÍN: E agora o melhor. (PEGA UM PACOTINHO) Toma!

JUDITH: (ABRE RAPIDAMENTE) Perfume! Você me trouxe perfume! Você sabe que eu adoro! Faz um ano que o meu acabou. Hoje vou tomar banho de perfume!

MARTÍN: E você vai deixar eu sentir o seu cheiro?

JUDITH: Se a velha ouvir isso quebra seus dentes. Onde você pegou tudo isso?

MARTÍN: Comprei.

JUDITH: Onde arranjou dinheiro?

MARTÍN: Bicos.

JUDITH: Bicos?

MARTÍN: Chega de perguntas. Se você não gostar já sabe... (GESTO DE TOMAR OS PRESENTES)

JUDITH: Não pergunto mais.

MARTÍN: Assim me agrada.

JUDITH: (PROVANDO O DOCE COM O DEDO) Pobre Martín, pra você as coisas não devem ser fáceis. Trabalhar com os homens atacados pelo próprio irmão. Não sei como não te prenderam.

MARTÍN: Sabem que não penso como ele.

JUDITH: Graças a você comemos.

MARTÍN: (APONTANDO PARA A MÃE) Ela não pensa o mesmo. Quer que eu deixe o trabalho.

JUDITH: Não te agradece, mas come.

MARTÍN: Isso é verdade.

JUDITH: Tem notícias de como está?

MARTÍN: Todos dizem que mudou muito. Às vezes eu acho que seria melhor que não voltasse nunca.

JUDITH: Mas...

MARTÍN: É o que penso e é o que você também devia pensar. Tudo está bem assim

JUDITH: Pra você talvez. (COMEÇA A GUARDAR AS COISAS) Sara tem que me ajudar a guardar tudo isso.

MARTÍN: Acabei de vê-la indo em direção à colina.

JUDITH: Você devia buscá-la, não é bom que ela ande sozinha por aí.

MARTÍN: Por quê? Esse lugar é muito seguro.

JUDITH: Fala bobagens sobre os amos. Não há lugar seguro pra ela.

MARTÍN: Minha mãe a adentra. Pobrezinha, não sabe o que faz. É um cachorro fiel.

JUDITH: Não sabe que é perigoso dizer certas coisas. Eles estão em todas as partes. (PAUSA.) O que ainda não consigo entender é como puderam prender teu irmão? Segundo dizem nenhum de seus homens o delatou. Como ficaram sabendo?

MARTÍN: Tudo foi muito confuso.

JUDITH: Tonto, cair assim.

MARTÍN: Não, não era um tonto.

JUDITH: Mas falhou. (PAUSA) Você já trabalhava com o senhor gordo.

MARTÍN: Não lhe agrada que o chamem assim.

JUDITH: Não é culpa minha! Acho que ninguém sabe o nome dele. A única coisa que a gente vê é uma grande barriga desafiante. Você viu o cinturão? Dizem que é de prata.

MARTÍN: Os botões da camisa também.

JUDITH: Eu Nunca vi.

MARTÍN: Espere. (TIRA UMA CAMISA DO BAÚ) Foi ele que me presenteou essa camisa. Olha como os botões brilham.

JUDITH: Por que ele te deu?

MARTÍN: Era pequena pra ele. Tem tantas!...

JUDITH: Nunca te vi com essa camisa.

MARTÍN: (REFERINDO-SE À MÃE.) Se ela visse, me faria queimar. O senhor me prometeu muitas coisas.

JUDITH: E por que tanta generosidade?

MARTÍN: Esta satisfeito com o meu trabalho. Sempre diz que ele sabe premiar os que merecem. Hoje me prometeu uma carruagem com quatro cavalos para o fim do ano. Você vai ver! Vou comprar pra você um vestido vermelho e um chapéu e vamos passear pela cidade.

JUDITH: E vai colocar os cavalos pra correr?

MARTÍN: Suas crinas ao vento... bufando, suando. A gente vai ter a impressão de estar voando!

JUDITH: Tudo isso será dado pelo senhor gordo?

MARTÍN: Não. Sigas chamando ele Assim, Diga "o supremo". Assim o Chamam na casa grande.

JUDITH: Então é ele quem nos governa?

MARTÍN: O nome não quer dizer nada. Todos têm nomes assim.

JUDITH: Então todos mandam.

MARTÍN: Todos e ninguém. Revezam-se no poder. Mas no fundo ninguém decide. Há outros senhores bem mais poderosos que não estão aqui. Creio que nunca puseram um pé nessa terra. Comunicam-se por meio de um mensageiro, a quem chamam "o anjo". Nunca o vi. Só consegui ver a carruagem que o traz, puxada sempre por cavalos negros.

JUDITH: Eles também obedecem ordens?

MARTÍN: E quem não obedece? O que importa é não estar no final da corrente. O "supremo" disse que eu posso ascender pela corrente. Quem sabe uma manhã dessas, eu amanheça entre almofadões de plumas na casa grande?

JUDITH: Deve ser um lugar muito bonito.

MARTÍN: Sabem viver.

JUDITH: Acho que, apesar de tudo, eles devem desconfiar da tua lealdade. Tendo um irmão como o seu!...

MARTÍN: Não. Já conquistei a confiança deles.

JUDITH: O que fez pra não ser demitido quando o detiveram?

MARTÍN: Isso não importa agora.

JUDITH: Tudo o que te diz respeito me importa.

MARTÍN: Você não entenderia.

JUDITH: Não sou tua mãe.

MARTÍN: Ela foi em parte responsável.

JUDITH: De quê?

MARTÍN: Chega de perguntas.

JUDITH: Você não confia em mim?

MARTÍN: (PENSATIVO) Talvez seja melhor... (ENFRENTANDO-A) No dia da prisão, ela se vangloriava do que meu irmão ia fazer.

JUDITH: A velha ria! Nunca a tinha visto tão contente.

MARTÍN: Quando soube da loucura que ia cometer... Quando percebi que estava em perigo meu trabalho na casa grande, fui correndo falar com ele. Lembro que quando cheguei ao celeiro estava preparando tudo que era necessário para o incêndio.

JUDITH: Falou com ele?

MARTÍN: Não. Fiquei num rincão onde ele não me via. Estava com o peito nu e carregava alguns tambores em uma carroça. Tão forte! Tão confiante em seu triunfo!... Depois você entrou pra se despedir. (BREVE PAUSA) Eu estava decidido a tudo. Estava com uma arma. Acariciava-a todo o tempo pra criar coragem.

JUDITH: Eu também quis convencê-lo. Mas ele estava decidido.

MARTÍN: Ele só pensava no que lhe convinha. Depois vi vocês se abraçando... Ele te jogou no chão! (CHORA).

JUDITH: Não fique assim.

MARTÍN: Ele ia tirar o que era meu e me defendi.

JUDITH: Não entendo.

MARTÍN: Me restava apenas um caminho: Sai correndo e procurei a única ajuda que podia.

JUDITH: Então foi você!

MARTÍN: Sim! Ele já tinha tudo: Tinha o amor de minha mãe, a força que eu não tenho e.. Tinha você.

JUDITH: Sim, eu sou de ele, e você não precisava me dizer isso. Agora vou acordar Dona Malva e dizer...

MARTÍN: (DESAFIANTE) Isso mesmo! Vai... acorda. Você acha que não pensei nisso? Minha mãe não vai acreditar em você.

JUDITH: Mentira! Agora você vai ver... (VAI EM DIREÇÃO A MALVA)

MARTÍN: (EMPURRANDO-A) Acorde-a. (AO VER QUE TITUBEIA, MARTÍN AIMOBILIZA-A E COMEÇA A ACARICIÁ-LA) Ele te abandonou. Pense bem no que vai fazer. Nem tudo está perdido para você; ainda lhe resta uma chance. Você vai apodrecer nessa casa. Pense um pouco em você... Está sozinha. (EMPURRA-A NOVAMENTE.) Acorde-a!

JUDITH: Me deixe em paz. (AFASTA-SE BRUSCAMENTE) De que serviria agora?

MARTÍN: Ele não vai voltar.

JUDITH: Eu esperei tanto!

MARTÍN: Eu sei. Várias noites fiquei te olhando pela janela! Te vi deitar aos pés de minha mãe, te vi levantar e caminhar... enxugar o suor do teu corpo... e voltar para o seu canto.

JUDITH: Odeio o verão. A pele me arde. Ele trazia panos úmidos e cobria meu corpo... aí repousava em seus braços depois de nos amarmos.

MARTÍN: (APROXIMANDO-SE) Você o quer?

JUDITH: Não sei. Ele dizia que eu era como um animal no cio.

MARTÍN: Ele não vai voltar. (ABRAÇA-A) Você tem a pele quente, como fogo.

JUDITH: (FRÁGIL) Me solta. Não quero...

MARTÍN: Posso lhe dar a segurança que ele nunca te deu. Tudo será pra você. Há uma corrente ante nós. Eu posso trepar por ela. Os senhores vão me ajudar. Não duvide!

JUDITH: (SOLTANDO-SE) Não acredito mais em promessas. Só me entregarei ante a realidade!

MARTÍN: E se vir?

JUDITH: Aí sim. Se ele não voltar.

MARTÍN: Não vai voltar.

JUDITH: Vai... Tenho que acordá-la. Não quero que te veja; ela não gosta de me ver sozinha com nenhum homem.

MARTÍN: Por isso ela faz você dormir a seus pés, como um cachorro.

JUDITH: (IRÔNICA) Como uma cadela no cio. (MARTÍN SAI)

JUDITH: (DIRIGE-SE À MALVA. DESCOBRE-A E ACARICIA SUA FRONTE) Madrecita, acorda; já está escurecendo.

MALVA: (DESPERTANDO LENTAMENTE) Cada dia fica mais difícil acordar. Será que estou tomando gosto pela morte.

JUDITH: Parece que está de bom humor.

MALVA: Onde está Sara? Já voltou?

JUDITH: Não.

MALVA: Dê uma olhada pela janela.

JUDITH: Já é noite. Só dá pra ver algumas tochas no morro. Estarão caçando. (INDO EM DIREÇÃO AO CESTO QUE TROUXE COM FRUTAS) Que faço com as frutas?

MALVA: Sangria. Vamos, traga as frutas. Eu mesma vou cortar. Ele gostava muito, dizia que era uma boa bebida. Vinho espesso como o sangue e muitos pedaços de fruta. Frutas como

nós, misturadas ao mesmo sangue, revoltos num mesmo suco, sem diferença. Anda, traga o vinho e a jarra grande. (MARTÍN ENTRA E SE SENTA PRÓXIMO À MESA)

JUDITH: Quer comer alguma coisa?

MARTÍN: Estou sem fome. Obrigado.

MALVA: Não se cumprimenta mais?

MARTÍN: Desculpa. (BEIJA-A NA TESTA)

MALVA: Novidades?

MARTÍN: Não.

MALVA: Sempre silencioso. "Não acredite em silenciosos", dizia teu pai.

MARTÍN: Pior seria encher seus ouvidos com palavras vazias.

MALVA: Pois eu sim tenho novidades. Esperei que os dois estivessem aqui pra dizer. Muito provavelmente agora algo muito importante esteja acontecendo. Algo que esperei durante todo este tempo.

MARTÍN: O que quer dizer?

MALVA: Queria que a Sara já tivesse chegado...

JUDITH: O que a Sara tem a ver com tudo isso?

MALVA: Graças ao que me disse, Martín, teu irmão pode estar livre agora. Sara foi avisar os rebeldes. Tenho esperança de que antes de ir para um bom esconderijo meu filho passe por aqui. Pode entrar por essa porta a qualquer momento.

MARTÍN: Está louca? Por que mandou a Sara? Como fez isso? Por que não me disse o que ia fazer?

MALVA: Teu irmão vai te agradecer pessoalmente por isso.

JUDITH: Então... virá mesmo?

MALVA: Sim. Vira (OUVEM-SE GRITOS, CASCOS DE CAVALOS) O que está acontecendo? Vejam o que está acontecendo aí fora. É ele. Com certeza é ele! Venham... ajudem-me a levantar, quero recebê-lo de pé. Vamos, pronto! (MARTÍN FICA IMÓVEL - JUDITH AJUDA MALVA A SE COMPOR - ENTRA SARA. AO VÊ-LOS FICA PARALIZADA)

MALVA: Onde ele está?

MARTÍN: O que houve?

JUDITH: O que te fizeram?

MALVA: Fala!

SARA: (DESGRENHADA, O VESTIDO RASGADO, OS OLHOS FIXOS.) Não... não me fizeram nada. A Luz... o fogo das tochas se aproximando... os cavalos cada vez mais próximos. Gritavam... os homens gritavam. Primeiro passou o homem do cavalo branco e desapareceu no morro...

MALVA: Quem estava montado no cavalo?

SARA: ... Eu também quis correr, mas me viram. Um deles me seguiu até o rio; desceu do cavalo e me jogou no chão. Bateu na minha cara... Aproximou a tocha e disse "já sabia que era você... vai pagar caro"... então chegaram os outros e me cercaram com os cavalos... diziam: "fugiu"! Se perdeu pela colina"... aí o primeiro homem se atirou em cima de mim e gritou: "negra de merda, diga à velha que isso é um aviso. Da próxima vez não vai ser tão suave, vai ser pior. Pelo menos esta você vai gostar". (SOLTA UM GRITO ABAFADO E COBRE O ROSTO - JUDITH E MARTÍN SE ENTREOLHAM COM GRAVIDADE)".

MALVA: (COM CRESCENTE ALEGRIA) Escapou! Meu filho escapou! (PEGA O GARRAFÃO DE VINHO E GRITA) Meu filho escapou! Finalmente a liberdade! Chegou a hora da vingança!

BLACKOUT

SEGUNDO ATO

MALVA EM SUA POLTRONA – PERTO DELA, ANTONIA: IDOSA, ALTA, MAGRA, ERETA – JOGAM O "JOGO DO OSSO".¹

ANTONIA: Como você é pilantra, velha do diabo. Ganhou de novo!

MALVA: Não seja má perdedora; vamos jogar a revanche.

ANTONIA: Você não muda nunca! Já vai fazer... [referindo-se à idade]

MALVA: Você já fez, sua velha de merda.

TONIA: Está bem. A desforra. Dessa vez eu começo, e vamos usar a minha taba.

MALVA: Desconfiada do resultado!

TONIA: (CALCULA A JOGADA.) Aí vai... (LANÇA) Taba! Taba!

MALVA: Traga para cá manhosa. Agora você vai ver o que é jogar! Traga a taba, caralho!

TONIA: (ASSOBIA ENQUANTO PEGA A TABA.) Como você está mal acostumada... não sou tua criada. É melhor você me tratar bem velha.

MALVA: Onde Sara se meteu? Já devia ter voltado pra massagear minhas pernas.

TONIA: Puxa, que delicada! Deixa a criatura em paz! Já não chega o bastardinho?

MALVA: Ela quis telo. É teimosa como uma mula.

TONIA: Os pontapés que atirava á Rosário quando a levaram para que se tirasse a criança antes do tempo. Que azar! Esses animais acabaram com ela.

MALVA: Não passara muito tempo para que eles caíam como moscas. Pra isso temos nossos filhos na colina.

¹ Tradicional no Rio Grande do Sul, o jogo do osso ou tava aqui chegou com os espanhóis. Conhecido a mais de 3000 anos, os antigos gregos e romanos o apreciavam, tendo sido difundido em toda a península ibérica. É jogada em "bolichos" de beira de estrada, em estâncias ao fundo dos galpões, nas proximidades de canchas retas, etc. onde existe um agrupamento de "peões" logo surge um desafio para o jogo do osso.

TONIA: Há noites que não posso dormir pensando em nossos filhos, torcendo pra que tudo saia bem.

MALVA: Sairá! E Aí vai meu tiro. (LANÇA) Taba! Que mão eu tenho pra isso!

TONIA: Que frieza. Enquanto eu lamento você pensa no jogo.

MALVA: Tenho a cabeça fria. Não gasto lagrima à toa. Uma só idéia me ronda: Vencer! Que meu filho lhes faça abaixar o focinho, que beijem o chão. Vai! Joga de uma Vez.

TONIA: Calma! Só quero viver em paz e que Augusto volte.

MALVA: Vamos!... Jogamos ou não?

TONIA: (PREPARA-SE) Aí vai... taba! Não quero mais sangue, velha. Estou cansada de lutar como animais.

MALVA: É necessário. Uma revolução precisa de sangue.

TONIA: (ENTREGA A TABA PARA MALVA) Uma revolução também precisa ver morrer o meu Augusto?

MALVA: Olha, Tonia, se for necessário eu mesma mataria meus filhos.

TONIA: Cala a boca, velha louca! Agora se acha uma revolucionária. Vai! Joga logo!

MALVA: Não me apreze! Caralho. Não me agrada que me apressem. Escuta., Eu não quero morrer sem ver esses senhores explodirem. A violência me tirou meus pais, lutando contra os índios, enviados pelos "amos" para limpar as terras que eles diziam que eram suas. Um dia, meu marido caiu seco sobre a terra que ele mesmo arou. A terra que eles mandavam cultivar; a terra que adubamos com nossos mortos. Puxa, se sou revolucionária! (COM UMA GARGALHADA.) Estropiada, mas revolucionária! Aí vai minha melhor jogada. Taba!

TONIA: A impotência nos enlouquece. Você está ficando louca, e isso me assusta. Eu não mataria ninguém pra pegar o que é meu. Pra mim basta saber que é meu. (TOCANDO A CABEÇA) Algum dia isso, que por alguma razão nos colocaram na cabeça e não na virilha, vai fazer com que finalmente tudo mude. Quando pequena eu gostava de ir caçar com meu pai. Ele atirava um tiro na lagoa e os patos fugiam apavorados. Mas sempre voltavam para o solo. Os tiros não mudam nada, só levantam poeira.nada mais.

MALVA: Cale a boca e jogue. Esta é a última jogada. Cansei. Vamos.

TONIA: Lá vai (PREPARA-SE)

MALVA: (NO LANCE DE TONIA) Augusto!

TONIA: (DEIXA CAIR O JOGO DE OSSO) Onde?

MALVA: Calma! Eu só disse "Augusto"! Que nome bonito o do teu filho. Você perdeu! Velha, falhou o tiro.

TONIA: Velha de merda. (PEGA O JOGO DE OSSO E SE DIRIGE A ELA) Vou fazer você engolir esse jogo!

MALVA: Sara! Sara!venha, Essa velha está louca!

SARA: (ENTRA CORRENDO COM SEU FILHO NOS BRAÇOS.) O que aconteceu, Dona Malva?

TONIA: Aconteceu que sua patroa é uma trapaceira.

MALVA: Onde estava?

SARA: Fui até o casario.

MALVA: O que aconteceu? Por que está toda suja de barro?

SARA: Briguei.

TONIA: Brigou com quem, criatura?

SARA: As fofoqueiras zombam de mim por causa da criança. A filha do domador, a nariguda, me disse que era uma puta porque tinha um filho.

MALVA: E o que você fez?

SARA: Coloquei o menino no chão e fui pra cima dela. Acho que bati tanto que ela não vai sair na rua por um mês.

TONIA: Povinho de merda. Essas fofoqueiras preferem que tenha feito dez abortos a ter um filho sem casar. Santinhas do pau oco! Papa hóstias, São elas que definem a moral. Putas redimidadas!

MALVA: Olha aqui suas tagarelas! Por que não trabalhamos um pouco? Vá lavar as mãos, Sara. E volte logo. Que tecido conseguiu para as vendas, Tonia?

TONIA: As que pude. (PEGA UMA SACOLA E RETIRA DELA DOIS ROLOS DE TECIDO JÁ CORTADO EM TIRAS) Já cortei.

MALVA: (ENTRA SARA) Coloque o menino por ai no chão e ponha-se ai. Falam algo novo no povo sobre os rebeldes?

SARA: Falam de uma derrota dos senhores, e de um homem em um cavalo branco que detém as tropas dos rebeldes.

MALVA: Deve ser meu filho! A revolução está próxima. Arrasará com tudo e todos, varrerá os senhores. Vão ter que lavar as próprias calças.

SARA: Você acha que ele finalmente vai voltar?

MALVA: Estou certa disso! (NO BERÇO, A CRIANÇA CHORA) Faça essa criança parar de chorar. Tá vendo? Meu filho é macho, diferente do que te emprenhou. Devia estar contente com tua sorte. Aqui nessa casa você tem o que precisa. Talvez, com o tempo, quando ele voltar, mandaremos buscar o cabra que te deu esse presente e te entregaremos para que se case. Faremos o casamento. Agrada-te da idéia?

TONIA: Sim, será bruta! Essa é a revolução que você quer fazer?

MALVA: (MUDANDO DE ASSUNTO) Precisa esticar bem o tecido. Esse parece forte.

TONIA: Veja se tem alguém perto da casa. Seria perigoso se eles nos vissem.

MALVA: Velha desconfiada.

TONIA: E você não?

MALVA: Não há perigo aqui. Os senhores nunca se aproximam desta casa. E os que podem vir brigam pelo mesmo.

TONIA: De qualquer maneira prefiro que isso fique entre nós.

MALVA: Você é capaz de desconfiar do meu filho e da minha nora.

TONIA: Não quero correr riscos.

MALVA: O que se passa nessa cabeça podre? Meu filho é leal e Judith, mesmo sendo gringa, jamais faria uma patifaria dessa.

TONIA: (CONDESCENDENTE.) Justamente, pelo parentesco tão próximo, pra que arriscar? Já somos velhas, e a pobre Sara já recebeu a sua parte.

MALVA: Mas, caralho o que tem você. Como quer derrotá-los se não correremos riscos?

TONIA: Aí está a diferença! Não gosto de riscos.

MALVA: Velha medrosa! (RI) Olha só, Sara. Esta velha parece uma galinha: quer cuidar dos pintinhos, ficar com o galo e dormir no lugar mais seguro do galinheiro quando o sol se pôr.

TONIA: Veja só essa velha rancorosa. Não entende nada do que eu digo! Escuta, Sara, você sim vai me entender.

MALVA: Se você for uma bruxa vai entender.

TONIA: Você sabe por que está fazendo isso?

SARA: As vendas?

TONIA: Sim.

SARA: Porque Dona Malva me disse.

TONIA: Esse é o ponto. E você sabe por que meu filho e o filho dela brigam?

SARA: Pra vencer os senhores e... E conseguir a terra e...

TONIA: O que mais?

SARA: E que triunfem, E que o filho de Dona Malva chegue em um cavalo branco. Aí então nos mudaremos para a casa grande e Dona Malva e Dona Judith usarão as peças e as roupas das mulheres dos senhores.

TONIA: E pra você?

SARA: Não sei. O que me derem.

TONIA: Está vendo só velha? Não sabe por que luta. É isso o que você mete na cabeça dela! A maioria da gente que nos rodeia não sabe por que luta. E não é bom arrastar as pessoas apenas pra fazer número. É preciso ter cuidado com o que se faz. Não perder vidas inutilmente.

MALVA: Velha medrosa... seu filho ia sentir vergonha de ouvir isso.

TONIA: É Possível. Mas o que você não percebe que é um cachorro que luta por orgulho. Brinca com a vida e não sabe por quê faz. Ele luta porque acredita que os homens têm o dever de lutar. Está enganado! Sou bruta, como um arado, é verdade. Mas estou segura de uma coisa... meu instinto me diz: É preciso que as pessoas vejam com clareza!

MALVA: Ver com clareza o quê?

TONIA: A luta... assim... como bestas... só nos levará à destruição. Dessa forma, só uns poucos se beneficiam que, como abutres, devoram nossos mortos. Não! Para que esta terra mude não bastam as bravatas de uns poucos. É preciso que todos saibam por que lutamos, Pra onde queremos ir, caralho. Aí sim! Homens, mulheres, velhos e crianças, se forem indispensáveis, vamos morrer. Minha luta não é uma simples vingança. Espero muito mais que a morte desses filhos da puta. Eu quero um povo de barriga cheia, não um grande cemitério.

SARA: Agrada –me o que disse.

TONIA: Entendeu?

SARA: Alguma coisa.

MALVA: Você é estranha, Tonia. Agora me dou conta de por que você não quer vingança. Quando te vi chegar pela primeira vez a esta terra éramos jovens. Você, uma estrangeira, de pele clara, eu uma mestiça de patas grandes. Te vi e desconfiei de você. Seu pai trazia você montada em um cavalo percheron², e tua cara de mocinha da cidade me irritou. "Esta é uma gringa puta", pensei. Mas depois, quando desceu do cavalo e toda sua família começou a cantar de alegria, e te vi beijar a terra e gritar "terra benedetta", pensei diferente. Ficamos amigas. Te vi aprender as primeiras palavras, te vi casar, ter filhos, trabalhar a terra até machucar os dedos, ficar enrugada, envelhecer, ficar só. Mas apesar de tudo acho que hoje é a primeira vez que te vejo. Faz tempo que não te chamo de gringa. Pensei que o trabalho e o sol te haviam mudado as idéias. mas Me enganei. Gringa. Você é gringa. Igual à minha nora. Ela também está cheia de belas palavras e nada mais. Essas belas palavras só são usadas por quem não quer lutar porque a terra não lhes pertence. Serão sempre gringos!

TONIA: Engana-se! A terra é de quem a merece e sabe o que fazer com ela quando a tem.

SARA: A senhora é gringa?

TONIA: Não é preciso nascer em um lugar para fazer parte dele. Também não importa o sangue. Tudo é um acidente: teu filho, por exemplo.

SARA: O que tem meu filho?

TONIA: Tem seu sangue e de quem mais?

SARA: De um deles.

TONIA: Será como seu pai?

SARA: Não.

TONIA: Está vendo? Estou segura de que se parecerá com você. Teu filho é bastardo, graças a Deus. Eu também sou órfã de pátria e nem por isso vou perder o direito a esta terra. Por isso, Sara, você tem que enten...

² O cavalo de tração mais popular do mundo.

MALVA: Já terminamos. Agora quero dormir.

SARA: Mas é que...

MALVA: Quero que você me cubra. Basta de tanto falar. Sua velha de merda, cuide do seu que eu cuide do meu.

TONIA: O Mesmo te desejo, velha. Sara, guarde as vendas nesta sacola. Coloque no lugar de sempre. Muito cuidado. (SARA COBRE MALVA) Sonhe com os anjos. (MALVA, IRRITADA, SE DESCOBRE) Eu já vou. Até amanhã.

SARA: (COBRE NOVAMENTE MALVA E PEGA O FILHO) Ontem, sonhei que era grande, meu menino. Que tinha Braços fortes..e te via trabalhando a terra. A terra que já era de todos. Chovia, mas não se importava. A gente tinha um rancho grande. E eu te olhava pela janela. Te via ao longe, enquanto eu preparava uma sopa espessa. Parece que ainda estou sentindo o cheiro de olho na panela. Meu menino será grande...

MARTÍN: (ENTRANDO) Falando sozinha? A velha está te deixando louca. (APROXIMA-SE) Deixa eu ver como está seu filho? Puxa! Como está gordo! Parece um bezerrinho.

SARA: Está crescendo.

MARTÍN: Você não devia sair essa tarde. Muito menos por aí, ajudando meu irmão. Foi uma loucura, não tem que fazer mais isso. Agora você tem a quem cuidar. Podiam ter matado você. Eles não brincam. Te deram um aviso... não se esqueça, por favor.

SARA: Tem razão, senhor (QUERENDO SAIR)

MARTÍN: O que há? Por que quer ir?

SARA: Não é nada. É que não posso me esquecer que o senhor está todo dia com eles.

MARTÍN: Pareço um deles?

SARA: Sim.

MARTÍN: É possível. Espero que não me culpe pelo que te aconteceu.

SARA: Não. A culpa é toda minha.

MARTÍN: Seu filho é lindo.

SARA: Obrigada. Agora tenho que continuar trabalhando. (TENTA SAIR)

MARTÍN: Calma. Fique um pouco mais.

SARA: O que o senhor precisa?

MARTÍN: Você se importa com seu futuro? O que pode acontecer com teu filho e com você de agora em diante?

SARA: Tudo que se refere ao meu filho me interessa.

MARTÍN: Se quisesse me ajudar... Posso fazer muito por vocês dois.

SARA: Não sei em que posso ajudá-lo. Além das coisas da casa eu...

MARTÍN: Pode me ajudar muito. Pra começar, não levando a sério as histórias da minha mãe. E depois dizendo o que sabe e o que quer fazer.

SARA: (APARECE JUDITH. ESCUTA DA PORTA) E pra quê?

MARTÍN: Não importa. Não quero que conte à minha mãe nem a ninguém o que se passa nesta casa.

SARA: Juro pelo que quiser, que não entendo o que disse. O que se passa nesta casa?

JUDITH: (RINDO IRONICAMENTE) Não, não viu nada. Ela não sabe o que se passa. É uma criatura inocente embora já tenha parido um filho. Ele está falando de nós. Não se faça de boba. Sei que você não contou nada pra velha, mas ficou morrendo de vontade de contar.

SARA: Sim, tenho vontade. Mas podem ficar tranquilos que não vou contar. E não porque não me convenha, mas porque não é assunto meu. Pelo menos por enquanto.

JUDITH: Que quer dizer por enquanto?

SARA: Enquanto não tentarem prejudicar Dona Malva e o que não está aqui.

MARTÍN: Como pode pensar que quero fazer mal à minha mãe?

SARA: Não disse que queria... apenas pensei.

MARTÍN: Espero que pense na minha proposta. Agora vou pegar uma carruagem na casa grande. Volto logo. Espero sua resposta, Sara. Pense.

SARA: Vou pensar, senhor. (MARTÍN SAI)

JUDITH: Assim me agrada. Se fizer o que te disse tudo vai correr bem. (ALEGRE E TERNA - PODE ABRAÇÁ-LA)

SARA: Esta contente?

JUDITH: Muito! Acho que finalmente chegou a hora de conseguir o que tanto sonhei.

SARA: (APONTANDO PARA MALVA) E ela?

JUDITH: Terá que aceitar. Se não...

SARA: Se não o quê?

JUDITH: Terá que suportar. Não tem direito de exigir nada. Tem a nós, nada mais. É uma pobre velha inválida. Ele não voltará, ou voltará em uma mortalha.

SARA: Por quê? Você pensa que vão matá-lo?

JUDITH: É o que desejo Hoje.

SARA: Você pode se arrepender. E se ele vencer?

JUDITH: Você viu como te trataram os senhores naquele dia. Pensa que pode lutar contra eles? Tenho certeza que não sairá do morro vivo.

SARA: Dona Malva não pensa assim.

JUDITH: A velha vive de esperanças. Tem a cabeça podre de esperanças! (PELO BRAÇO, LEVA-A ATÉ A JANELA) Está vendo essa terra fértil? Está vendo o horizonte? Tudo isso pertence aos senhores. Você pensa que vão se conformar em perder tudo isso para um bando de tontos? A realidade é essa que vivemos e só nos resta aceitar e tentar viver da melhor maneira possível.

SARA: Se conformar. Como Dona Malva deve se conformar com vocês. Eu não quero me conformar. Eu quero que as coisas mudem, como disse Dona Malva.

JUDITH: Lutar contra eles só traz morte ou desgraças como esta. (APONTANDO PARA O FILHO DE SARA)

SARA: este Não é uma desgraça. Agora vejo claramente. Sim, posso ver com clareza, como dizia Dona Tônia. Essa criança é o resultado da minha luta.

JUDITH: (RINDO) Foi gerado pelo amor.

SARA: Você não entende! É bem possível.

JUDITH: Te pegaram como se fosse um bicho. Te olharam? Diga se alguém te olhou?

SARA: Não. Eles não olham. Sempre estão à espreita, como animais. Mas nunca olham. Raça de merda!

JUDITH: Mas dominam!

SARA: Sim, mandam. Depois do que me fizeram, comecei a pensar que graças a mim ele conseguiu escapar. Meu menino é filho da minha rebeldia! Fiz alguma coisa pela liberdade. Agora vejo claramente!

JUDITH: Liberdade! (RI – DEPOIS, BRUSCA) Anda, leva o fruto do teu amor. Não quero Escuta-la mais. (SARA SAI).

JUDITH: (OLHA VÁRIAS VEZES PELA JANELA E PELA PORTA, ESPERANDO IMPACIENTEMENTE POR MARTÍN – DEPOIS FIXA-SE EM MALVA E SE APROXIMA DELA COM TEMOR) Queria que estivesse morta! Olha pra mim! Agora você vai me ver melhor (CORRE PARA O BAÚ - PEGA UM VESTIDO VERMELHO E CONTINUA FALANDO ENQUANTO TROCA DE ROUPA) Te Agrada? Seu filho me presenteou. Perdeu novamente, velha! Ele vem me buscar em uma carruagem puxada por quatro cavalos e vamos correr pelo campo. Sabe velha? Teu filho me deseja. Hoje serei dele e ele vai gozar tanto quanto o outro. Compareceu e será premiado. Tem um grande futuro na casa grande. Roubo te outra cria, Será o meu corpo? Veja o meu corpo. Será a minha pele ou os meus cabelos? Todos vocês são mestiços...! (PEGA O PERFUME NA ARCA.) Água de azahar... como da primeira vez que fiz com ele. A gringa te rouba todos os cachorros. (ESCUA-SE UM RUÍDO AO LONGE) Está vindo! (CORRE PARA A JANELA)

MALVA: (QUE COMEÇA A ESTIRAR OS BRAÇOS COMO UM MORTO QUE VOLTA À VIDA.) Ah! A perna, a perna direita... a cãibra!

JUDITH: (IMOBILIZADA PRIMEIRO PELO SUSTO, DEPOIS COM DESFAÇATEZ PEGA O VÉU TENTANDO ASFIXIÁ-LA - SAI DA CASA ÀS GARGALHADAS)

MALVA: Sara, é você? Tire-me o véu. Sara, Sara...!

SARA: (VOLTA COM O FILHO) O que foi, dona Malva?

MALVA: Tira isso. Por que não respondeu antes?

SARA: Estava dando comida pras aves.

MALVA: E quem estava aqui? Alguém ria e quis me asfixiar.

SARA: Deve ter sido sonho.

MALVA: A gringa. Onde está?

SARA: Não sei.

MALVA: Olha lá fora.

SARA: (OLHANDO PELA JANELA) Que linda!

MALVA: O que disse?

SARA: Dona Judith colocou um vestido vermelho, e seu filho está levando ela em uma dessas carruagens que tem na casa grande.

MALVA: O quê? Martín o quê?

SARA: Estão rindo. Não está ouvindo os cavalos? Como correm!

MALVA: Estão loucos. Vou cuidar dela.

BLACKOUT

TERCEIRO ATO

TONIA: (VESTIDA DE NEGRO - AMBAS SE SERVEM DE UMA JARRA) Trouxeram-no ontem. Arrastando seu corpo. Meu Augusto estava sujo. Em carne viva. Jogaram o corpo dele em frente da casa.

MALVA: Morreu lutando.

TONIA: Dizem que o pegaram perto do rio, quando dava de beber ao cavalo. Não estava lutando o pobre. Descansava deitado no pasto. Gostava de fazer isso.

MALVA: Onde foi velado?

TONIA: Nada de carpideiras. Coloquei o corpo no caixão que eu tinha mandado fazer pra quando chegasse a minha hora. Amarrei bem forte duas cordas na alça do caixão e levei o corpo a cavalo para o campo aberto. Aí coloquei fogo no corpo. A noite ficou toda iluminada com as labaredas. Não quis enterrá-lo... pobrezinho...! O corpo cheio de chagas... Sabe? Senti medo dos vermes. Suas mãos... tinha mãos lindas. Quando pequeno, eu dizia que ele tinha mãos de mulher e ele ficava irritado. Um dia... (COMEÇA A CHORAR)

MALVA: Pare de chorar. Por favor, não chore mais. Você sabe o que penso.

TONIA: Não sei o que fazer.

MALVA: E a vingança?

TONIA: Deixo pra você esse prazer. (TENTA SE LEVANTAR)

MALVA: Fique. Vamos ganhar essa guerra. Dizem que meu filho está no comando das tropas. Ele te vingará.

TONIA: Já disse que não quero vingança. Se quisesse... teria... Mas não quero. De que me serviria agora? Além do mais não acredito na guerra comandada por um só homem, você sabe disso. (TENTA SAIR)

MALVA: Não vá. Quero falar uma coisa mais. Sei que não é o momento, mas... sei que vai me dizer o que sabe.

TONIA: O que quer velha?

MALVA: Já faz alguns dias que algo estranho acontece nesta casa. Algo que não consigo entender, sabe? Estou falando do meu Martín e da gringa.

TONIA: (ESQUIVA) Não sei o que você quer dizer. Se você não sabe o que se passa em sua casa, quem saberá?

MALVA: Na cidade, não dizem nada? As fofocadeiras são as primeiras a saber da desgraça alheia.

TONIA: Não quero saber de fofocas agora. Deixe-me ir.

MALVA: Não se trata de fofocas. Tenho medo que essa gringa esteja pudrendo meu Martín.

TONIA: Ninguém se deixa pudrer. Só os mortos não podem escolher.

SARA: (ENTRA CORRENDO) Dona Malva! Venceram. Ganharam uma batalha perto daqui. Os senhores estão saindo. Todos estão esperando que os rebeldes cheguem até aqui esta noite.

MALVA: Tem certeza do que está dizendo?

SARA: Sim. Todos estão se preparando pra ajudar seu filho na batalha final.

MALVA: Meu filho! Meu filho voltará vencedor! A vingança de todos está em suas mãos. Venha, vamos festejar a vitória. Sara, traga sangria. Vamos nos embebedar! (SARA BUSCA A JARRA - ANTONIA FICA SENTADA EM UM PEQUENO BANCO COM O ROSTO ENTRE AS MÃOS) Finalmente... parecia que nunca ia acabar. Agora seremos os donos e senhores da terra. Não trabalharemos mais para esses porcos.

SARA: Eu Não quero muito. Um berço para este e que me deixem em paz na cidade. Que não falem mais... que não fiquem cochichando pelas costas.

MALVA: (COM UMA GARGALHADA) Veja só o que esta tonta está pedindo! Deixa de tolices! Só quero ver meu filho chegar em seu cavalo branco, aclamado pela multidão. Já estou vendo... trazendo na mão a cabeça daquele porco, o do cinturão de prata.

SARA: É necessário, mais mortos, senhora?

MALVA: Sim.

SARA: Então, Que o sangue escorra pela cidade. Que cortem a cabeça de quem mereça. Eu só quero um berço de madeira de alfarrobeira e um pequeno...

MALVA: Chega!

TONIA: Sim. Basta. Essas tolices não interessam pra nada, não garantem a vitória. Baboseiras que não trazem a liberdade. Que mudanças você acha que vai conseguir sem escutar o que pedem aqueles que não sabem por que lutam?

SARA: Não um berço grande... pequeno, da cor da madeira.

TONIA: Um berço para os que são peões na batalha. A vitória não deve ser para poucos. Para teu filho ou pra qualquer outro caudilho, a vitória deve ser para todos.

MALVA: Não me enchas com sua amargura. Não tenho culpa pelo que fizeram a teu filho. Aceite tua desgraça e a minha felicidade.

TONIA: Já aceitei minha desgraça. E tua vitória não me devolve o que perdi. Não traz nada de bom. Nem sequer satisfaz desejos tão pequenos. Você falou de vingança e eu disse que não precisava. Pois bem, e se eu pedir? Se eu reclamar o sangue daqueles que me ofenderam? Quantos teriam que cair? Seria um banho de sangue. Ninguém está livre da culpa. Uns por matar, outros por mandar matar, outros por calar e muitos por trair sua origem e vender-se ao inimigo por uma carruagem com cavalos.

MALVA: O que você está dizendo? Por que me olha assim?

TONIA: Porque se quisesse vingança deveria extirpar também o ventre que gerou esses assassinos e seus cúmplices. (APROXIMA-SE, AMEAÇADORA) Deveria tampar a boca e te matar logo, sem pestanejar.

MALVA: (SORRI ASSUSTADA) E disse que eu estava louca?

TONIA: Minha loucura é diferente, velha. É cansaço e asco. É ver que tua soberba te leva à cegueira. Você está cega. Me disse que acontecem coisas nessa casa que você não entende. Está tudo tão claro. (PEGA A CABEÇA DELA.) Admira um de teus filhos. E o outro? O que pensa do outro? Destilando veneno como cobra com a desgraça alheia. Você sabe quem põe comida nessa casa? Com esse peito amamentou seu tigre, e com o outro peito, o quê? Que amargo deve ser o leite que brotou dele que amamentou um traidor. Ele entregou o irmão, e como se não bastasse, se deita com a mulher dele. A gringa mudou de dono. E tudo aqui, na sua casa. Na casa do grande vencedor.

MALVA: Nada do que diz é Verdade.Você mente. Diga que está mentindo. Que está dizendo toda essa merda por pura inveja.

TONIA: Inveja? De quem? Eu não queria estar no seu lugar. Prefiro meu filho morto. Você queria vingança. Já sabe por onde tem que começar. As raízes da peste vão chegar ao seu ventre.

MALVA: Vai velha , grita! Mata a vontade. Diga a todos!

TONIA: Vou embora, mas em silêncio. Foi você que pediu que eu falasse. Você... (SAI)

MALVA: Então foi ele. Se eu pudesse arrancar o peito. Extirpar a parte do meu corpo onde senti pela primeira vez as batidas do seu coração. Me dividir em duas e queimar a parte podre que há em mim. Pensa, velha, pensa. Pensa como limpar tua casa. Meu filho chegará como um herói, não deve ver o que se passa aqui. Não poder me levantar. Só posso fazê-lo aqui (OUVE-SE A VOZ DE ALGUÉM QUE CANTA) É ela! Não quero que diga nada de tudo isso. Vou começar com ela. Traga a jarra, derrube sobre mim; Me encharque de vinho. A noite está chegando. Anda. Ela está vindo. Quero que traga Martín.

SARA: Estou indo. (SAI)

MALVA: (ENTRA JUDITH - MALVA OLHA-A POR UM INSTANTE, DEPOIS ABRE OS BRAÇOS) Venha! Me abrace, filha! Chegou a hora. Ele vai voltar esta noite. Estou tão contente! Finalmente terá o seu homem de volta!

JUDITH: (SURPRESA) Quem disse isso?

MALVA: Os senhores foram derrotados. Não está contente?

JUDITH: Claro que sim.

MALVA: Ele deve estar louco de vontade pra te ver. De estar com você. Vou dizer a ele como você se comportou bem esse tempo todo. É uma boa esposa, digna dele. Meu filho tem sorte. Muitas mulheres traíram seus homens. Agora terão que ser castigadas. A fúria de um homem ferido em sua honra é terrível.

JUDITH: Tem razão, ele vai ficar contente de me ver.

MALVA: Por que não se arruma um pouco? Poe-se linda?

JUDITH: Estou bem assim.

MALVA: Não tem um vestido melhor? Algo mais alegre... Um lindo vestido.

JUDITH: Não tenho nada melhor.

MALVA: E o vermelho? Você ficaria muito bem com o vestido vermelho.

JUDITH: Qual vestido?

MALVA: O que o Martín te presenteou. Já Esqueceu? Deve ser a emoção. Anda, vá pegá-lo.

JUDITH: Está bem.

MALVA: Traga o tecido também. Preciso me distrair com alguma coisa até que ele chegue.

JUDITH: (PEGA O VESTIDO, DEPOIS ENTREGA-LHE A CESTA) Aqui está.

MALVA: Deixa eu ver o vestido. Agora vá se trocar.

MALVA: (MARTÍN ENTRA QUASE CORRENDO, SURPREENDE-SE AO VER O VESTIDO.) Que bom que você chegou. Sara já te falou do teu irmão?

MARTÍN: Sim. Já sei de tudo.

MALVA: Anda, Judith. Fique linda. (JUDITH SAI)

MARTÍN: Falta pouco...

MALVA: Sim. Me dá um cigarro. (MARTÍN DÁ O CIGARRO) Não poder chorar...

MARTÍN: Não poder chorar...

MALVA: Nunca chorei.

MARTÍN: Eu sei.

MALVA: Nem rezar, caralho.

MARTÍN: Somos parecidos.

MALVA: Queria que tudo passasse rápido.

MARTÍN: Mãe...

MALVA: O que é?

MARTÍN: Está contente?

MALVA: Ainda não.

MARTÍN: Do que mais sente falta?

MALVA: Não estou acostumada à vitória. É algo que não conheço. Me dê a meada vermelha, quero fazer outro novelo.

MARTÍN: (ABAIXA-SE PARA PEGAR A MEADA. AO LEVANTAR-SE SEU OLHAR CRUZA-SE COM OS DE MALVA) Os olhos, mãe. Seus olhos. Lembro de uma história que me contou sobre um lobo que olhava de uma colina as ovelhas. Assim deviam ser os olhos do lobo, quieto nas sombras, espreitando...

MALVA: (GARGALHADA) Sou uma galinha velha, não um lobo. Além disso, aqui não há ovelhas a serem espreitadas. Ficou bobo? (ACARICIA-O CONTIDAMENTE)

MARTÍN: Deixe-me ajudá-la. (MARTÍN ENCAIXA A MEADA NO ANTEBRAÇO)

MALVA: Já está bem crescido, mas hoje parece uma criança.

MARTÍN: Hoje, eu queria voltar a ser criança. Voltar a..

MALVA: E por quê queria voltar a ser criança?

MARTÍN: Hoje estou com medo.

MALVA: De quê?

MARTÍN: Você me ama?

MALVA: Sempre teve medo. Quando era criança se escondia na barra da minha saia.

MARTÍN: Perguntei se gosta de mim.

MALVA: Como não ia gostar?

MARTÍN: Não é uma resposta.

MALVA: Corria como um louco até se esconder entre minhas pernas.

MARTÍN: E a senhora me pegava pelo braço e me afastava.

MALVA: Um homem que sente medo não é homem.

MARTÍN: Eu me lembro que as cobras me davam medo.

MALVA: Quando a gente ia à colina você tremia de medo. Teu irmão ia sempre na frente espantando-as com um pedaço de pau. "A menina" te chamávamos.

MARTÍN: A senhora dizia que enquanto eu não matasse uma não ia deixar de me chamar assim.

MALVA: Mas uma tarde você não tremeu. Lembra?

MARTÍN: Naquele dia parecia uma louca. Dizia que estava farta de mim, que ia me castigar. Pegou um de seus vestidos e colocou em mim, amarrou um lenço na minha cabeça e ameaçou me levar assim pra cidade.

MALVA: Você tinha que perder o medo,!

MARTÍN: Me levaram pra colina e me fizeram caminhar na frente. Riam de mim. A senhora e meu irmão gritavam "a menina está com medo".

MALVA: ...e apareceu por tras das plantas.

MARTÍN: Era uma cobra enorme e me mirava. Olhava só pra mim. Fiquei imóvel.

MALVA: Dessa vez você não gritou.

MARTÍN: Ia jogar uma pedra, mas seus olhos me deixaram paralisado.

MALVA: Seu irmão se aproximou de você e disse que ia matá-la.

MARTÍN: Sentia que algo dentro mim me empurrava. Me joguei sobre a cobra. Eu a matei! Bati... apertei-a entre minhas mãos até esmagá-la.

MALVA: A condenada te mordeu o ombro. Eu peguei uma faca e abri a ferida. Chupei teu sangue até retirar todo o veneno.

MARTÍN: Aí me abraçou forte...

MALVA: Que alegria sentir teu sangue morno em meu peito e ver a paz que te envolvia.

MARTÍN: A senhora me dizia "durma, meu menino, durma"...

MALVA: Eu estava orgulhosa...

MARTÍN: Fiz pela senhora.

MALVA: Mas o medo é um bicho mau. Sempre ataca os covardes.

MARTÍN: Quero que saiba que quando ele chegar eu...

MALVA: Não precisa falar disso. Sei muito mais do que você pensa. Shh... Você voltou a ser "a menina". O medo te atacou. Como antes, te venceu.

MARTÍN: Quero que me abrace.

MALVA: Não posso.

MARTÍN: Faria qualquer coisa pelo seu perdão.

MALVA: "A menina"

MARTÍN: Não, não me chame assim. Já provei que não sou...

MALVA: Está vendo isso? (MOSTRA A TESOURA) Serve para muitas coisas. É uma ferramenta de trabalho. É fina e brutal ao mesmo tempo. Corta o inútil, amputa o que deve ser arrancado. Seu corpo espera ser penetrado, é quente...

MARTÍN: Não estou entendendo...

MALVA: Essa puta te envenenou. É como uma serpente. Meu menino extirpará o inútil, o daninho. Limpará a casa dessa imundície.

MARTÍN: Ela não me...

MALVA: Cale-se. Entrará e buscará teus braços como sempre. Eu dormirei. Você sabe o que tem de fazer. Depois venha até mim e encontrará descanso.

MARTÍN: (PEGANDO A TESOURA) Serve pra muitas coisas...

MALVA: Aí vem. Cubra-me para que pense que estou dormindo. (MARTÍN COBRE-A) Meu menino fará o resto. (MARTÍN GUARDA A TESOURA NO BOLSO E SE AFASTA DA MÃE - ENTRA JUDITH)

JUDITH: Acho que já sabe de tudo. Que bom que ela esteja dormindo, assim podemos conversar. Não temos muito tempo. No povo dizem que ele chegará na cidade a qualquer momento. O que há? Não vai dizer nada? Temos que fugir!

MARTÍN: Não sou um covarde.

JUDITH: O que foi feito, foi feito. Agora tem que pensar no que vai acontecer se a gente ficar.

MARTÍN: Os heróis e os covardes dependem dos que os elegem. Ele é um herói porque enfrentou os senhores e eu um covarde porque o delatei.

JUDITH: Não pense nisso. Não quero que pense... Me beije.

MARTÍN: É preciso ter coragem pra encarar a merda e afundar-se nela. A luz... alcançar um ideal é mais fácil que apagar com os dedos uma chama e suportar a escuridão.

JUDITH: Eu sou a escuridão?

MARTÍN: Não, é o calor. (ACARICIA-A) Peito... pernas. Teu sexo esperando sempre como um abismo em que me lanço, onde escondo minha vergonha. (CHORA)

JUDITH: Por que está chorando? Ainda há tempo para escapar. Vamos pra longe... Continue acariciando meu corpo. Sua língua na minha boca. Sua saliva na minha boca. Seu peito no meu. Todo seu corpo. Não pare!

MARTÍN: E o que aconteceria se eu parasse?

JUDITH: Haveria tempo pra pensar, e isso não serve pra nada.

MARTÍN: É melhor assim.

JUDITH: Te amarei como nunca. Serei toda sua. Salve-me! Quero que você me salve! (JUDITH SE AJOELHA - MARTÍN FICA DE COSTAS PARA O PÚBLICO – VÊEM-SE APENAS AS MÃOS DE JUDITH.)

MARTÍN: Sim, vou salvar você.

JUDITH: Depois nos amaremos... És, o Meu macho.

MARTÍN: Machos. Pobres machos! (PEGA A TESOURA) Um membro erguido. Sim. Um membro erguido te penetra. Abre seu corpo. Seu corpo (CURVA-SE BRUSCAMENTE E CRAVA A TESOURA - ELA NÃO GRITA - ELE SOLTA UM GRITO, MISTURA DE DOR E PRAZER - DEPOIS CHORA COMO UMA CRIANÇA)

MALVA: (RETIRA O MANTO QUE A COBRE) Pronto.

MARTÍN: (AJOELHADO PERTO DELA) Pronto. Perdão! Perdão!...

MALVA: Minha criança está chorando. Não sabia o que fazia. Se enganou. Ele virá. Mas não tenha medo. Minha criança tem que descansar. A gringa dorme pra sempre. Ela te arrastou.

MARTÍN: Me abrace. Pronto, está feito. Me abrace, tenho medo. Me perdoe, me perdoe!

MALVA: Venha... deite-se a meu lado. Sou velha, posso servir de travesseiro para o teu sonho.

MARTÍN: Não quero que ele me julgue. Não quero mais saber se fiz bem ou se fiz mal. Ele defendia o que era seu e eu o que era meu. De quem é a culpa? Ele também...

MALVA: Eu entendo... Venha... Descansa. Meu ventre te espera. (COLOCA A CABEÇA DELE SOBRE SEU PEITO) Dorme. Quando você acordar tudo será melhor.

MARTÍN: Lã vermelha... suas lãs coloridas. Vermelha... violeta, branca, preta... Todas as cores estão em suas lãs.

MALVA: Tudo está em mim.

MARTÍN: Você me ama?

MALVA: Sim, te amo.

MARTÍN: (CANTAROLA SUAVEMENTE A MELODIA QUE SEU IRMÃO ASSOBIAVA)

MALVA: Isso. Era isso que ele assobiava. Continua... continua... feche os olhos para o mundo. (PEGA A TESOURA DAS MÃOS DELE) Isso, isso, minha criança.

MARTÍN: Você me ama?

MALVA: (LEVANTA A TESOURA E, COM TODAS AS SUAS FORÇAS, MATA-O) Sim, te amo. Sou uma raiz seca, uma árvore que já não brota mas que decide qual é a última folha que vai cair. Agora a casa está limpa. Agora chegará! (FICA EM SILÊNCIO - CONTINUA FAZENDO O NOVELO MECANICAMENTE, COM O OLHAR FIXO - GRITOS AO LONGE - METAIS QUE CAEM - INCONSCIENTEMENTE ASSOBIANDO A MELODIA DO FILHO)

PALCO EM PENUMBRAS – AS DUAS MULHERES SÃO ILUMINADAS ALTERNADAMENTE.

SARA: E chegou. O sol já havia se posto, mas a cidade se iluminou. Todos fomos recebê-lo com nossas tochas. Os homens e as mulheres choravam de alegria. Dançamos e bebemos até cansarmos.

TONIA: Eu não fui. Pela manhã, me aproximei. Todo aquele silêncio me assustou. Pareciam crianças aninhadas sobre a terra. O barulho havia cessado, agora só restava o silêncio. Montei no cavalo e fui até o rio. Pensei muito em meu filho. Quis chorar mas não pude. Uma carruagem com cavalos negros dissipou minha vontade. Era como uma aparição. Só consegui montar no cavalo e correr.

SARA: Dona Tonia me sacudiu para acordar-me. Gritava, parecia uma louca. Dizia que o porco, o do cinturão de prata, estava vivo e que havia entrado na casa grande.

TONIA: Fizeram um pacto! O filho da velha fez um pacto! Recebeu o poder. Abriram as portas da casa grande. Sentaram-no em um lugar de honra. E por tudo isso ele lhes entregou um poder ainda maior... um povo manso que acredita haver triunfado, mas que é mais escravo que antes.

SARA: Em uma manhã de inverno, encontraram Dona Tonia morta, junto ao seu cavalo. Eles disseram que morreu de velhice. Foi enterrada à tarde. Mas eu acho que por debaixo da terra sua semente está germinando.

TONIA: Malva segue esperando. Ela continua com seus mortos. Alguns dizem que não morrerá nunca.

BLACKOUT

FIM